

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA  
Analog Imagination – Programa 1  
6 de Maio de 2023 (19h30)

### JURI

de Johannes Schrems

Áustria, 2009 -2014 – Cópia em 16mm, cor, sem som, 30 minutos.

### AM RANDE DES VORHANGS

“No Limite da Cortina”

de Antoinette Zwirchmayr

Áustria, 2022 – Cópia em 16mm, cor, som, legendada em inglês e electronicamente em português, 10 minutos.

### YA NADIE CABE EN ESTE MUNDO, Y MENOS EL

de Nigel Gavus

Áustria, México, 2023 – Cópia em Super 8, preto e branco, sem som, 3 minutos, a 18 imagens por segundo.

### KIND MIT MUTTER

“Criança com mãe”

de Wilma Calisir

Áustria, 2019 – Cópia em Super 8, cor, sem som, 2 minutos.

### NOTES FOR THE WOODSHED

de Daniel Owusu

Áustria, Reino Unido, 2022 – Cópia em Super 8, cor, sem som, 1 minuto.

Duração total da projecção: 40 min / Produção: Friedl Kubelka School / Primeiras apresentações na Cinemateca.

sessão apresentada por Magdalena Pfeifer

---

Nota: Optámos por mostrar em projecção a ponta que separa as duas bobines de **Juri**, assim como outras pontas entre os vários filmes da sessão, que nos chegaram já montados, o que reforça a explicitação do carácter analógico do programa.

---

Esta é uma das duas sessões que compõem o programa Analog Imagination, organizado em colaboração com a Friedl Kubelka School for Independent Film, escola austríaca vocacionada para a produção de obras em película, nos formatos Super 8, 16mm e 35 mm, dirigida a alunos das mais diversas proveniências e de todas as idades. Uma sessão que terá resultado de um convite da Rede Europeia de Curtas-Metragens para que a escola pensasse dois programas destinados a ser projectados no âmbito de vários festivais, e que agora chegam à Cinemateca nesta colaboração com o IndieLisboa. Uma escola cujo objectivo é dar voz a um conjunto de cineastas empenhados na produção analógica de expressão fortemente independente e autoral, e o resultado espelha-se nos filmes desta

sessão composta por cinco curtas-metragens muito pessoais, as duas primeiras projectadas em 16mm e as três últimas filmadas e projectadas em Super 8, formato amador por excelência, que depois de caído em desuso, mas tem vindo a ser recuperado nos últimos anos.

Esta é na realidade uma tendência mais abrangente, em que a recuperação da película enquanto suporte de filmagem – especialmente o 16mm e os pequenos formatos – surge hoje sobretudo associada à produção de filmes mais experimentais e de filmes de artistas, processados muitas vezes em laboratórios geridos por esses mesmos artistas, que lutam pelo não abandono da película e pela sua preservação no contexto de uma crescente obsolescência do analógico face ao cinema digital, que assumiu a quase exclusividade nas salas de cinema. Reservada a um nicho mais independente, e vendo a sua possibilidade de projecção limitada às cinematecas, a uma quantas salas de cinema, e ao contexto dos museus e galerias, o cinema realizado em película nos últimos anos tem desenvolvido em grande parte a sua via mais materialista, em que assistimos a um crescente fetichismo pelo suporte e pelos processos que rodeiam a produção de um filme em película, a que se acrescenta frequentemente uma componente muito pessoal por parte dos seus autores.

Sucedem-se assim trabalhos que reflectem sobre a obsolescência do analógico e sobre temáticas introspectivas, como os filmes que compõem esta sessão, que tocam questões como o crescimento, o envelhecimento, a fragilidade das relações, ou a passagem do tempo, apontando para a importância da “analogia de base” no modo como é fixada a magia dessa mesma passagem do tempo em filmes com muita granulosidade. O “isto foi”, noema da fotografia na sua relação com os vestígios de um passado e de uma história íntima, está assim bem presente numa sessão que afirma a importância do cinema analógico no retrato desse mesmo passado.

Em **Juri**, filme de Johannes Schrems cujas imagens foram registadas entre 2009-2014, assistimos a uma sucessão em ritmo acelerado do crescimento do segundo filho do realizador ao longo dos seus primeiros cinco anos de vida. Como confessou Schrems, “pretendia fazer um retrato do meu segundo filho. Inspirado pelo cinema do pessoal, filmei o meu filho recém-nascido durante dois a cinco segundos todos os dias.” O resultado é uma montagem muda com cerca de meia hora de um filme a cores e em 16mm que evoca os filmes de família rodados há algumas décadas em pequenos formatos, mas que se destaca da forma que habitualmente caracteriza esses mesmos filmes pela curtíssima duração destas imagens que teimam em não se fixar, avançando numa sucessão de planos sobre um mesmo rosto de criança que não duram mais que escassos fotogramas. A velocidade e a sua vertente mais pessoal aproximam-nos dos diários de Jonas Mekas, mas **Juri** surpreende sobretudo pelo modo como nos devolve a passagem do tempo através da evolução do retratado e daqueles que o rodeiam em que as imagens mudas que nos apelam a um regresso às nossas próprias imagens, num cinema eminentemente táctil.

**Am Rande Des Vorhangs** ou “**No Limite da Cortina**” será o objecto que formalmente mais destoa dos restantes, mas prolonga a ideia de base da sessão, segundo a qual todos somos marcados pelas nossas teias de relações mais próximas. Constituído por uma sucessão de planos hieráticos muito coreografados, o filme de Antoinette Zwirchmayr assume uma explícita teatralidade. As protagonistas são três jovens mulheres e o cenário é um ginásio, apropriado e transformado à medida dos seus desejos e relações, explicitados numa sucessão de monólogos. Como se escreveu a propósito do filme “as subjectividades circulam, mas os seus corpos permanecem estáticos”, e o filme também. Com um trabalho

com cerca de dez anos, que tem sido mostrado em exposições e festivais, a cineasta experimental/artista austríaca Antoinette Zwirchmayr revela-nos um cinema feito em película assente numa cuidadosa construção e numa fixidez que desafia o movimento do cinema pelo modo minucioso como coreografa os pequenos gestos das mulheres retratadas e a sua interação com objectos deslocados do seu contexto, que nos reenviam para estados emocionais alterados.

Mais modestos nos seus propósitos e duração, os três últimos filmes da sessão são filmados e mostrados em Super 8, o que assume ainda um carácter excepcional. **Ya Nadie Cabe en Este Mundo, Y Menos El** é um diário pessoal que revela espaços e imagens diferentes a uma velocidade vertiginosa, mas que se detém em pausas pontuais, deslocando-nos para as ruas da Cidade do México, filmadas em Dezembro de 2022. Um filme assumidamente impressionista, repleto de imagens e de memórias registadas a preto e branco que temos alguma dificuldade em descortinar, e cujo título, inscrito na textura da sua imagem, se refere a uma frase proferida por uma criança que brincava nas ruas da cidade. Mais uma vez estamos perante fragmentos, movimentos de câmara em direcções díspares, clarões que se sucedem num ritmo frenético, e que, nas suas ínfimas paragens, nos revelam a intencionalidade e a potência do olhar de quem está por detrás da câmara: o guarda-sol que é arrastado pelo vento, o amolador que afia facas nas ruas, os passos captados em contrapicado num tecto/chão transparente que se desfazem por entre o grão da imagem.

**Kind Mit Mutter** retoma a questão das relações familiares que preside à sessão ao aproximar planos mudos de uma mãe já idosa que interage com o seu telemóvel ou se arranja ao espelho, daquela que percebemos que é a filha, que também estará a envelhecer. Trata-se de uma relação de semelhança entre Ulrike e Wilma Calisir, a realizadora, que se intui claramente pelas imagens, como se intui o momento em que a cineasta assume conscientemente essa mesma percepção, momento de necessária perturbação que transforma o filme.

**Notes for the Woodshed**, com toda a materialidade explicitada no seu minuto de duração, deixa-nos perante uma interrogação: o que significa aquele plano de uma mão que desenha/escreve a lápis, sobreimpressa sobre a imagem filmada de uma cabana de madeira ao ar livre? Se o “cenário retratado” poderá ser uma cabana para guardar lenha, “woodshed” é também um termo usado pelos músicos de jazz para designar uma prática de ensaios em privado num local recolhido, onde não podem ser ouvidos por mais ninguém. Uma pista para decifrar a dimensão mais intimista de todo o cinema que atravessa esta sessão.

Joana Ascensão